

MANUEL GRAÑA ETCHEVERRY

.....& ANTOLOGIA &.....

HEDE

• *Uma* LITERATURA *desconhecida* •

1ª edição

Traduzido do espanhol pelo autor com a supervisão de
Aline dos Santos & Luis Mauricio Graña Drummond

...

Ilustrações de Alexandre Camanho



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Manuel Graña Etcheverry

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La poesía hede

Capa e projeto gráfico

Viçtor Burton

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana

Jane Pessoa

*Os personagens e as situações desta obra
são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos,
e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Graña Etcheverry, Manuel.

Antologia hede : uma literatura desconhecida / Manuel Graña Etcheverry ; traduzido do espanhol pelo autor com a supervisão de Aline dos Santos e Luis Mauricio Graña Drummond ; ilustrações de Alexandre Camanho — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: La poesía hede.

ISBN 978-85-359-2029-1

1. Literatura argentina 2. Poesia hede I. Camanho, Alexandre
II. Título.

12-00708

CDD-ar868

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia hede : Literatura argentina ar868

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

❧ SUMÁRIO ❧

ESTUDO PRELIMINAR 9

Advertências	9
Hedália e seus habitantes	13
Mitologia. <i>A candeide</i>	21
A cultura hede. O idioma	41
As artes rítmicas	47
A poesia hede. Pamódia e sua influência nas letras	53
A poesia e a interpretação da história	61
Os hedes e a cultura ocidental	67

OBRAS COMPLETAS — PAMÓDIA 83

Obras completas (Texto em hede)	85
Obras completas (Texto em português)	89
Nota sobre as <i>Obras completas</i> de Pamódia	91

CANTO A PAMÓDIA (ANÔNIMO) 95

Canto a Pamódia	97
Nota sobre o <i>Canto a Pamódia</i>	99

AS GLOSAS (ANÔNIMO) 101

Primeira glosa	103
Glosa segunda	105
Glosa terceira	107
Glosa quarta	109

Glosa quinta	III
Glosa sexta	II3
Última glosa	II5
Nota sobre <i>As Glosas</i>	II7

A NIREIDE (ANÔNIMO) I2 I

I	I23
II	I25
III	I27
IV	I29
V	I3I
A Nires	I35
A Nira	I37
A Nira	I39
Nota sobre <i>A nireide</i>	I4I

POEMAS SOLTOS I43

Tríptico	I45
A um carudo morto	I47
A anaxita alegre	I49
O ataque do popante	I5I

APÊNDICE I55

Glossário hede-pamódico	I57
Autores citados e bibliografia	I59

ESTUDO PRELIMINAR

..... ADVERTÊNCIAS

ENTREGO AGORA AO PÚBLICO, traduzidas para o português, a totalidade das poesias hedes que chegaram até nós e um estudo a seu respeito: esta é a única versão para uma língua culta e, também, a primeira publicação no Brasil sobre o assunto. Ao fazer tais esclarecimentos preliminares, não é meu intuito predispor os leitores em meu favor mencionando méritos deste trabalho; bem pelo contrário, quis reclamar benevolência com os meus defeitos, pois não tive outras traduções a meu alcance para com elas confrontar a validade das minhas — até hoje só é conhecida a de um pequeno poema —,¹ e os obstáculos que enfrenta um hedólogo não são comparáveis com os que possam apresentar-se ao tradutor de nenhuma outra língua.

Quero assinalar também que fui destinado a preencher um lamentável vazio na nossa cultura, já que não o fizeram pessoas mais autorizadas do que eu. Com efeito, apesar do interesse que nos meios europeus despertaram os trabalhos de Steinberg, Hindt, Vanet e Montolino, pouco ou nada repercutiram entre nós, mesmo quando não seria arriscado colocar a hedologia acima de todas as disciplinas que tratam das civilizações mortas, porque, se em alguma raça o homem de nosso tempo pode contemplar-se como num espelho, essa raça é a dos hedes: todas as nossas manifestações vitais

1 Vide p. 44.

aparecem, em essência, como vinculadas à terrível atividade desse povo misterioso.

Há, certamente, uma razão que explica essa indiferença: o desalento em face das dificuldades do idioma, chave primordial para assimilarmos o espírito dos povos. Eu me impus, durante 36 anos, a tarefa de penetrar no seu intrincado silabário, e muito poderia dizer do que me custou tal empresa. Mas um conhecimento tão profundo da cultura hede é apropriado somente aos especialistas, à gente comum não é requerido nem da língua grega nem da latina.

Uma informação mínima é indispensável, e conduzi de preferência nesse sentido as observações aqui contidas: só de passagem, incluí algumas anotações que interessarão unicamente aos eruditos, e nelas poderá reparar o leitor, se quiser, apenas a título de curiosidade.

Desse modo, deixo explicado o fato de não ter oferecido uma edição bilíngue; o texto original das obras completas de Pamódia, com um breve léxico,² destina-se àqueles que desejem ter alguma ideia da construção gramatical hede.

Outro indulto devo requerer também, antecipadamente, e isso pela qualidade do verso português nas traduções. Reconheço a minha imperícia, mas o traslado às formas rítmicas e rimadas possibilitará uma maior compreensão das poesias hedes. Creio, contudo, ter alcançado uma grande fidelidade, e muitos dos defeitos que possam ser observados na tradução são expressões próprias do hede e do primitivismo consubstancial da sua literatura, e não teria sido decoroso assinalá-las a cada ocorrência, como querendo distrair a crítica das minhas próprias imperfeições.

Desejo, finalmente, fazer constar minha gratidão ao saudoso professor Manuel José Marcelino Tomás Cano e ao professor Ángel Manuel Vázquez Bigi, por terem me acompanhado nas primeiras investigações. Maria Julieta Drummond de Andrade alentou-me a concretizar esta publicação.

2 Vide p. 157.

A poesia hede não é compreensível nem devidamente apreciável sem que se conheça algo sobre seus autores, sobre o ambiente onde atuaram e sobre as contribuições que receberam da sua cultura, da sua história e de seus mitos. São poucos, é verdade, os elementos de juízo até hoje disponíveis para oferecer certeza plena às nossas afirmações: há somente algumas inscrições e desenhos, a respeito dos quais se levantou um conjunto confuso de teorias e hipóteses. Baseando-me só no indiscutível, tentarei reconstruir o quadro geral de Hedália, onde as artes rítmicas atingiram o zênite da beleza.

.....HEDÁLIA E SEUS HABITANTES.....

HEDÁLIA ERA POVOADA por três raças: os hedes, os androcos e os carudos. Todos eles eram de baixa estatura, particularmente os carudos ou carudilhos, e muito magros. Os androcos, pelo contrário, eram petiços robustos de força descomunal. Os três povos foram sempre inimigos acérrimos entre si, e, mesmo não tendo havido batalhas de predomínio nem alianças de uns contra os outros, toda a história de Hedália está semeada de furiosas lutas individuais.

Esses rancores podem explicar-se de certa maneira pelo fato de suas nações serem limítrofes. Alguns documentos nos permitem conhecer, com efeito, a topografia hede segundo foi vista pelos seus habitantes. No centro, ficava Carúdia, país dos carudilhos, densamente povoado, cercado por Hedália propriamente dita e por Andrócia, aquela assentamento dos hedes e esta dos androcos. Hedália limitava ao oriente com Carúdia, e também ao sul e ao norte, em dois braços que penetravam no oeste e alcançavam os domínios dos petiços robustos. Por sua vez, Andrócia terminava no ocidente num mar inexplorado, o mar de Lifik. Hedália e Andrócia, no sul, lindavam com Nidinamúkia, terras do deus Nidi, onde seu servo Namuk cuidava dos rebanhos de anaxitas. Ao norte, estavam as altas montanhas da cordilheira Ximona. Para o leste, Hedália estendia-se em compridos

prados. A paisagem era, assim, muito variada. A terra, geralmente fértil, exceto em Lifik e na Nidinamúkia; nos campos havia árvores de excelente madeira. Havia alguns morros, e os mais elevados eram o morro do Androco e a citada cordilheira Ximona. A fauna não era muito diversificada, e a maioria das espécies desapareceu. Fala-se, com efeito, das anaxitas, vacas ferocíssimas e carnívoras que desde Nidinamúkia chegavam em rebanhos, constituindo verdadeiros flagelos para as populações. No mar de Lifik moravam os popantes, também ferozes, aves pesadas e corpulentas, de pés bastante musculados, que acometiam com grande velocidade, dando fortes pancadas com os pés e as asas. Há ainda uma inexplicável referência a Pinta, o cão, talvez algum tigre que deixou memória de seus estragos. A respeito de animais domésticos, só há menção das mansas vacas de Nisamulmulk, o deus da bondade. Com certeza, suas carnes, algumas raízes e possivelmente hortaliças terão sido o alimento dos moradores de Hedália. Além disso, no poema *A nireide* fala-se de um gato e de uma pomba, mas, em virtude do caráter que a eles é atribuído nos versos, penso que não podem ser qualificados como domésticos.³

A influência desse meio hostil contribuiu para moldar os espíritos, predispondo-os a uma atitude constante de defesa contra tudo o que fosse exterior ao eu, e, como a melhor defesa consiste em eliminar os perigos, desse conceito instintivo emergia uma agressividade total. O encontro de dois indivíduos terminava necessariamente com a morte de um deles, ou com a morte dos dois. Quando um androco avistava um carudo, lançava contra ele, com bárbara força, uma flecha terrível de três braços, isto é, de três pontas. Os carudos compensavam sua fraqueza com seu número, e não era raro ver um enxame deles dominar, depois de ingentes perdas, um

3 Vide pp. 121 ss. Sobre a extinção da fauna hedálica, vide L. Broglie, *La cosmologie historique de Velikovsky. Une nouvelle apportation d'après la catastrophe de l'Hédalie*.

androco solitário. Então, atravessavam-lhe os olhos, as orelhas, o nariz e a língua com agulhas pelas quais passavam resistentes fios — o que prova que conheciam e praticavam a arte da costura — e, unindo em seguida esses fios, formavam uma corda e a puxavam, correndo buliçosos pelos campos e arrastando o desventurado androco, enquanto desfrutavam seus berros de dor. Esse é o assunto que se canta no poeminha “Ao carudo que agora está encravado numa árvore”.⁴

Digamos, para esclarecer o título desse poeminha, que as flechas androcas consistiam num grosso tronco central terminado bruscamente em ponta; do tronco desprendiam-se dois braços que terminavam como aquele, quer dizer, em ponta. A flecha tinha, pois, a forma de um E maiúsculo com o traço central projetado para trás, a fim de manter a estabilidade e a direção. Cada um dos braços horizontais do E seria uma das três ramas independentes da flecha. Os hedes aperfeiçoaram-nas, mais tarde, acrescentando-lhes outros braços, transformando-as desse modo numa espécie de chumbada de setas; mas, como careciam da força necessária para dispará-las, conceberam uma catapulta, rústica porém eficaz, e adquiriram grande destreza no seu manejo. Os multiagudiformes projéteis, ao atingir o alvo, muitas vezes o arrastavam consigo, e os atiradores aprenderam a se colocar em posições a partir das quais as flechas se incrustavam nas árvores, depois de, no mortífero voo, terem apanhado a sua vítima: daí que no poeminha se fale de um carudo “que agora está encravado numa árvore”. E ainda mais: como a velocidade do voo de tamanhas flechas produzia um forte assobio, e como a extensa prática levava a conhecer de imediato qual era a direção que seguiam, aqueles que por isso verificavam serem eles próprios as vítimas apoiavam a cabeça numa árvore, se assim o possibilitava sua proximidade, cientes de não haver para eles nenhuma salvação, talvez para permitir uma maior perfeição no

4 Vide p. 44.

trabalho de seu vitimário.⁵ A morte pelas flechas foi, segundo o leitor verá, um dos temas prediletos da poesia popular. Uma copla, por exemplo, conta velhacamente o êxito de um disparo, nestes termos:

*Eu vi arrastar-se um hede,
por flecha malferido;
sofrendo pelas dores
lançar grito após grito,
e no mais prolongado
seu último suspiro.*

Nunca falhei o tiro...

Às vezes, o assunto era disfarçado com complicadas metáforas, como se vê num fragmento de “A um carudo morto”, onde a trajetória do projétil é comparada com a de um cometa, especulando com o termo implícito (*cometa*), que também significa “seta” (sentido que se perpetuou na germania espanhola):

*Que acôncio sua órbita mortal
tanto abaixou
que em seu caminho fatal
você estava aí e aí ficou?*⁶

Mas voltemos ao que interessa aqui. Androcós e carudos eram adversários naturais, mas os hedes o foram não somente desses dois, como também entre si e até de tudo o que fosse vivo. Por serem vizinhos dos androcós, mantinham com eles enfrentamentos quase que diários, e, sendo menos

⁵ Vide a sáfica IV de *A nireide*, p. 129. Para mais informação sobre as armas, consultar a monografia de Halbach von Rundstedt, “Die Waffen in Heddalen”, em *Neue Jahrbücher für das klassische Altertum*.

⁶ Vide p. 147.



.....
UM ENXAME DE CARUDOS INVESTE CONTRA UM SOLITÁRIO ANDROCO
.....

vigorosos, precisaram aguçar o engenho para opor astúcia a força. Aprenderam a caminhar com sigilo, quase sem assentar os pés no chão, e, ao exercitarem a suavidade do passo, nasceu neles uma profunda paixão pela dança. Ensinar uns aos outros a habilidade no uso das armas, mas nas aprendizagens levavam muito a sério seus papéis de agressor e agredido, e a paródia de luta degenerava logo em real e encarnizada contenda, na qual ora falecia o discípulo, com o crânio fendido por um golpe de maça, ora caía, moribundo, o mestre sob a implacável penetração de uma flecha monstruosa que nem sempre era disparada pelo seu contrário, senão, às vezes, por algum espectador escondido.

Havia neles um natural violento e cruel que os impedia de deter-se, e nem o sangue derramado os apaziguava: antes, excitados por ele, saíam velozes à procura de um novo opoente, sem pensar que, se o triunfo lhes havia sorrido numa ocasião, na seguinte poderia sorrir ao outro. Para termos uma ideia cabal disso, que para nós é inimaginável, bastará dizer que o esporte preferido dos hedes consistia em ocultar-se para surpreender aquele que estava acaçapado aguardando um terceiro: por exemplo, se alguém, oculto, presenciava tais sangrentos exercícios preparando-se para descarregar de sua segura posição a morte no sobrevivente, ou nos dois que lutavam, podia, logo depois de ter cumprido seu macabro propósito, cair por seu turno sob o rigor de outrem, que, por sua vez, tinha estado a vigiá-lo, e este, sendo-o por um terceiro, caía também. Às vezes, formavam-se assim compridas séries de assassinos e assassinados, como se uma loucura coletiva os acometesse.

Contudo, eles não conheciam o temor, não por serem valentes, mas porque não tinham a faculdade de prever: viviam o presente, sem se lembrar do passado nem conceber o futuro, salvo o mais imediato. Como consequência desse jeito de viver, deu-se o caso de um povo que coexistia quase sem vínculos sociais, porque cada um estava disposto a se aproveitar do seu próximo, e cada próximo estava disposto a

golpear os demais. Inúmeros são os testemunhos, preservados pelo clima cáldo e seco, desses ódios irracionais. Pelos campos de Hedália, Carúdia e Andrócia branqueavam-se as ossamentas dos que nunca souberam o que era amar ao próximo. Havia milhares, como se um turbilhão cósmico ou uma catástrofe telúrica houvesse abatido a todos de uma vez. Seja como for, os inúmeros ossos disseminados representam séculos, se não milênios, de cultura hede.

Tal é, violento e primitivo, o quadro geral de Hedália. A natureza semibestial dos seus habitantes, grau médio entre o animal e o homem que não haveria ocorrido nem mesmo a Porfírio, criou um tipo *sui generis* de arte cuja expressão mais inteligível para nós está na sua poesia.